

RELIGIÃO

Surgimento da religião - Teoria sociológica - iniciada por Smith e amplamente desenvolvida por Durkheim, essa teoria rejeita o argumento de que a religião se iniciou a partir das crenças em seres espirituais ou deuses; considera que surgiram primeiro os ritos ou cerimônias, principalmente a dança e o canto, que intensificam as emoções, levando-as ao êxtase. Essas emoções, difundidas entre todos os participantes, fazem-nos acreditar estarmos possuídos de poderes excepcionais. Essas experiências levaram o homem "primitivo" a crer na existência de um poder sobrenatural, simbolizado pelo totem.

INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS

Ao sociólogo não interessa responder a indagação sobre se a religião é ou não verdadeira; ele se preocupa em analisá-la como fenômeno social que pode ser encontrado em todas as sociedades, a despeito de ser, entre todas as instituições existentes nas sociedades humanas, a única que não se baseia apenas em necessidades físicas do homem. Tentando explicar este fato, tanto Sumner quanto Keller fizeram as seguintes proposições: a) As instituições consistem em meios através dos quais o homem procura ajustar-se ao seu ambiente. b) Existem três níveis de ambientes: o natural, o social e o sobrenatural. c) A instituição religião seria o meio pelo qual o homem se ajusta a seu ambiente sobrenatural.

Durkheim, em sua obra "As formas elementares da vida religiosa", definiu a religião como "um sistema unificado de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, a coisas colocadas à parte e proibidas - crenças e práticas que unem numa comunidade moral única todos os que as adotam" (Chinoy, in Lakatos, 1999).

OS TRABALHOS SOCIOLÓGICOS SOBRE RELIGIÃO

K. Marx encara a religião como ideologia; vê nela uma das produções não materiais que toda a sociedade faz nascer. Tal como o direito, a moral, as concepções políticas, etc., que um grupo ou uma sociedade para si cria, a religião aparece necessariamente condicionada pelas relações sociais e políticas. Reflexo de um mundo que tem necessidade de ilusões, a religião é também a sua "consciência invertida". Exprime "a miséria real" das sociedades edificadas sobre a injustiça; é também protesto em relação a essa miséria. Contudo, "ópio do povo", deve ser sujeita à crítica filosófica, primeiro passo para uma crítica global da sociedade.

F. Engels, em A "sociologia religiosa" de (1850), de carácter histórico, articula-se à volta do conceito de luta de classes que exerce efeitos diferenciadores no domínio religioso. Sendo toda a religião "disfarce" de interesses, de classe, cada classe tem a sua, legitimadora dos seus interesses.

Durkheim não se interessa pela história, mas pela "essência" de toda a religião. Para ele, "uma religião é um sistema de crenças e de práticas, relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, interditas, crenças e práticas que unem numa mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos os que a ela aderem" (1912). Estamos aqui perante um fenómeno coletivo, que se opõe à magia, que é individual. Em primeiro lugar, a religião é, para Durkheim, administração do sagrado. Encontra-se assim referida ao domínio do extra quotidiano. É nos grandes ajuntamentos periódicos que ritos e crenças religiosas exprimem ao máximo a sua intensidade e a sua predominância. No culto, o homem religioso experimenta a coesão social como comunhão; adora nele, nos ritos e nos símbolos, a sociedade que o constrange, tal como ele a pode conceber lentamente como fonte de liberdade. A vida quotidiana usa os sentimentos de força, de coesão e o entusiasmo que os ajuntamentos culturais excepcionais criam. Donde a necessidade da sua repetição periódica. Assim, é nos momentos de efervescência de tipo revolucionário que nascem as novas religiões, quando as mais antigas se revelaram ultrapassadas.

Weber regressa a sociologia religiosa à matéria histórica e privilegia o comparatismo. Impõe-se-lhe a comparação dos cristianismos entre si e com as outras religiões: Donde trabalhos sobre as da China, da Índia e sobre o judaísmo antigo; Donde também o seu interesse pela religião como forma específica do agir social. Donde ainda a interrogação que anima a sua obra: quais são as religiões mais aptas a produzir uma finalização sistemática (racionalização) da vida quotidiana à volta da sua mensagem? Por razões diversas, o monarquismo e depois o protestantismo ascético (puritanismo, seitas) foram, segundo Weber, os vectores privilegiados e sucessivos do processo ocidental de racionalização pré-capitalista. O protestantismo ascético criou um tipo de homem em afinidade com o capitalismo: individualismo, democracia, tolerância, autonomia das formas do agir social, etc.